

Amor, Transferência e Desejo¹.

Maria Lia Avelar da Fonte²

¹ Trabalho apresentado na II Jornada Freud – lacaniana. Recife, 1997.
Trabalho publicado nos Anais da II Jornada Freud – lacaniana. Recife, 1998.

² Médica, psicanalista membro de Intersecção psicanalítica do Brasil.

Embora muito já tenha sido dito a respeito da transferência, privilegiei este tema por considerá-lo um dos pontos centrais da prática analítica. Acredito que partindo de princípios que vêm sendo elaborados desde Freud ao longo deste século, seja possível acrescentar algo novo, nem que seja para dizer o mesmo de forma diferente, tomando como referência essa experiência única, singular, como insiste Lacan no Seminário 1, seja no que concerne à análise pessoal, ou no que podemos apreender da prática clínica enquanto analistas. Considerando o surgimento do sujeito como experiência original, tomo como princípio um dos conceitos fundamentais, por compreender ser esta a via que nos permite falar de transmissão em Psicanálise. A transferência atravessa também aquilo que nos sustenta enquanto analistas, enquanto lugar de permanente formação: o laço social. Portanto, podemos dizer que sem transferência, não há Psicanálise.

No começo da Psicanálise está a transferência, diz Lacan. No começo da Psicanálise, está Freud, envolvido numa desconcertante trama familiar, suficiente para despertar o interesse de qualquer psicanalista; seus mistérios de infância serão recalçados e somente recapturados através de sonhos e de uma trabalhosa auto-análise: Freud reconstrói e reescreve sua história.

Será inegavelmente na relação transferencial a Fliess, que vamos reconhecer o avanço empreendido por ele na elaboração do edifício teórico da Psicanálise. Paixão fulminante, "meu Outro u-mesmo", é a quem Freud envia suas mensagens, seus enigmas, instituindo-o como Sujeito-suposto-saber e, como histórico, indagará sobre a verdade de seu desejo. Sujeito-suposto-saber, ainda situado fora do campo da conceitualização, marcado pela falta de um significante capaz de separar sua função da pessoa do analista; as conseqüências desse primeiro desconhecimento deixam marcas na Psicanálise.

No começo da Psicanálise está o amor. No cenário inaugural, Breuer e sua paciente Anna O. É nesta trama amorosa que Breuer vai tropeçar deixando escapar a chave que desvendaria os segredos da transferência. Freud a recupera e transforma o amor no mais forte instrumento da cura psicanalítica. Será doravante, o capó dos fenômenos transferenciais, por onde passará toda análise, conduzindo-nos ao que há de mais essencial na causação do sujeito.

O que é a transferência?

Mesmo sem conceitualizá-la, Freud já se apercebia de sua existência desde a época das chamadas "primeiras históricas". Será, entretanto, a partir de Dora que ele poderá elaborar e desenvolver

este conceito por toda sua obra. Ao mesmo tempo em que afirma ser a transferência o mais forte instrumento da cura analítica, considera-a também o mais poderoso obstáculo ao trabalho da análise. À medida que nos aproximamos do núcleo patógeno recalçado, à medida que o sujeito faz um movimento para revelar-se, surge um fenômeno extremamente relacionado à transferência: ergue-se a resistência – o paciente interrompe as suas associações e nada mais quer saber sobre os seus sintomas. Se neste momento o analista reconhece a transferência, esta se torna um forte aliado ao tratamento; caso contrário, opera como obstáculo à cura.

Freud define a transferência como repetição de experiências infantis, prova irrefutável da origem sexual das neuroses, que irão determinar a forma do sujeito relacionar-se com seus objetos. Mas, ele é cauteloso ao afirmar que aí não está toda verdade, uma parte escapa e esta será articulada ao conceito de pulsão de morte. Convencido está de que após superadas as dificuldades com a técnica da interpretação, o que irá instalar-se como única dificuldade realmente séria a ser enfrentada pelo analista, é o manejo da transferência. Freud tem razão; a transferência nos surpreende, veiculando o que é próprio do inconsciente, e se por vezes surge de forma aparente como no sintoma, noutras torna-se quase imperceptível, impossível de ser apreendida como por exemplo, nas entrelinhas enganadoras do discurso.

É por isso que podemos reafirmar que a resistência está do lado do analista que, impossibilitado de escutar, impede que o sujeito continue falando. Só há palavra se alguém dispõe-se a ouvi-la.

Lacan referenda Freud quando, na Direção da Cura e os Princípios de seu Poder, assinala que estamos mais livres na interpretação do que na transferência, ambas submetidas a uma ética que nos remete ao desejo de analista. Sua posição em ser, situa-se essencialmente em sua falta-em-ser. Lacan prossegue: se na interpretação, pagamos com nossa palavra, na transferência pagamos com a nossa pessoa; na ética pagamos com o que há de mais essencial no julgamento mais íntimo, abdicando do próprio desejo.

- Será que numa cura, em nenhum momento, o analista participa com o seu ser?

- E nas "situações-limite", como deve proceder?

-Será que a tendência do analista é perseguir um ideal? Deixar-se aprisionar numa teoria que o mantém a salvo de qualquer responsabilidade pelo que venha acontecer a seu cliente?

No Seminário 1, Lacan refere que é no capítulo VII da Interpretação dos Sonhos que aparece pela primeira vez a palavra

Übertragung (transferência). Mostra-nos, como a palavra, isto é, a transmissão do desejo pode ser reconhecido através de qualquer coisa desde que essa coisa esteja organizada em sistema simbólico. Para Freud, continua Lacan, a transferência é o fenômeno constituído pelo fato de que, para certo desejo recalçado, não há tradução direta possível. Esse desejo é interdito no próprio discurso e não pode se fazer reconhecer, porque há, entre os seus elementos recalçados, algo que participa do inefável. O impossível de ser dito se fará através de lapsos, repetições, sonhos... Os mais ricos sonhos, os mais belos, os mais complicados, são os que ocorrem ao longo de uma análise e tendem a falar ao analista.

As contestações de Lacan

Por volta dos anos 50-60, encontramos um Lacan preocupado com a distorção de importantes conceitos da teoria freudiana, promovida por psicanalistas encarregados de seu ensino e transmissão.

O conceito da transferência encontrava-se fundamentado essencialmente no registro do imaginário, o que implicava conseqüências lógicas na condução de uma cura. Estes princípios afetam diretamente o manejo da transferência. Estabelecem uma prática que ao priorizar a relação imaginária, ignora o sujeito do inconsciente, a singularidade de cada análise, tomando-a como simples repetição de experiências infantis, articulando o final de análise com a identificação ao analista e buscando a interpretação da transferência, a sua liquidação. Missão impossível!

Lacan, indignado, contrapõe-se a estes princípios, abrindo um espaço cada vez maior para o Simbólico e como toda simbolização falha em parte, o efeito desta falha é chamado Real.

Por conhecer seu caráter extremamente dialético, Lacan recusa a idéia de transferência como mera repetição. No seminário 11 utiliza-se de dois termos de Aristóteles – *tyché* e *autômaton* – para designar suas duas vertentes.

O *autômaton* diz respeito ao retorno dos signos, a insistência da cadeia significante, o que permite ao analisante dirigir suas demandas ao analista; é a vertente simbólica da transferência e dá suporte à própria diferença através do símbolo, escapando à simples reprodução de uma imagem.

A *tyché* nos remete ao encontro sempre falho com o Real; está regido pela pulsão de morte e situa-se num mais além relativo ao

gozo. É a vertente de resistência da transferência, considerada por Lacan como a verdadeira repetição.

Através do autômaton, visamos a tychê. No discurso de cada analisante, procuramos o que está mais além. A reprodução da imagem de um sonho, por exemplo, já porta uma diferença no momento de seu relato: já não é mais exatamente aquele sonho, e não o será a cada vez que for recontado.

Por isso, pedimos aos nossos pacientes que nos falem das mesmas coisas tantas vezes quantas forem necessárias. Na repetição do mesmo, pode surgir a diferença.

A identificação ao analista não é o referencial que utilizamos para falar do fim de análise. Nossas intervenções visam a diferença absoluta enquanto singularidade do significante em cada sujeito.

Na Psicologia do Ego, o acento recai sobre a relação dual onde o imaginário do analista invade seu paciente, reforçando o escudo que protege o sujeito do inconsciente. Nela, o que vale é o bem estar e a adaptação à realidade.

Lacan afirma que Freud nunca empregou o termo liquidação da transferência referindo-se à sua dissolução. A transferência, assim como o inconsciente, é inesgotável. O que tem fim é a sua face enganosa de amor que porta a resistência, a fascinação imaginária que carece da palavra enquanto esta afirma o ser.

O sujeito procura uma análise quando algo do equilíbrio que mantinha com o gozo foi rompido. Ele sofre e quer saber a causa de seu sofrimento. Supõe este saber ao analista.

Vemos isso em Katarina: o senhor é médico? E Freud: o que haveria de anormal com aquela moça de constituição forte e sólida e de aparência infeliz? De que sofre?

Na entrada em análise, instala-se o Sujeito-suposto-saber, pivô da transferência.

O analisante ama a quem supõe o saber. Fará uma demanda imaginária, mas o analista só deverá responder-lhe de um lugar simbólico, introduzindo a dissimetria fundamental da transferência. Responder à demanda de amor com o desejo de analista, oferecendo-se como amado e não como amante, remete o sujeito à falta estrutural do amor. O analista renuncia ao poder que lhe confere o estatuto de Outro, ocupando o lugar de objeto causa de desejo. Trata-se de uma questão ética e não meramente técnica. Sua neutralidade não quer dizer indiferença; estar no lugar do morto não

implica que o analista não tenha sentimentos em relação ao seu cliente, mas que saiba o que fazer com eles. No lugar do morto quem deve estar é o eu do analista, enquanto aquele que mais aproximou seu eu do desaparecimento que é almejado num final de análise. É diante deste "silêncio" que o analista avança na construção de seu fantasma; por veicular o pedido - eu quero saber, obtém de seu analisante como resposta: che vuoi? o que queres de mim?

Alguém numa primeira entrevista com Lacan, a cada vez que abria a boca lhe era perguntado: o que você quer? O analisante respondia e Lacan tornava a perguntar: mas, o que é que você quer? Isto repetiu-se uma dezena de vezes até que ele, cansado, retrucou: queria que você voltasse amanhã.

Este fragmento de extraordinária beleza, mostra-nos um psicanalista inteiramente implicado na relação transferencial, revelando com toda sua transparência o que há de mais essencial numa análise: o desejo de analista em conjunção com o desejo de seu analisante: que ele retorne e continue a falar.

Bibliografia:

1-Bezerra, José – Seminários sobre os fundamentos da Clínica Psicanalítica de Freud a Lacan:

- Da interpretação (1993) – in mimeo;
- Sobre o final de análise: destituição sujeito-suposto-saber e luto – (1994) - in mimeo;
- Aspectos da transferência: repetição, resistência. O sujeito-suposto-saber (1994) - in mimeo;

2- Chemama, Roland – Dicionário de Psicanálise – Porto Alegre – Artes Médicas, 1995.

3- Dorgeuille e Chemama – Dicionário de Psicanálise: Freud e Lacan, 1. Salvador, BA: Galma, 1994.

4- Freud, S. (1895) – Estudos sobre a Histeria. Obras Completas, vol. II . Rio de Janeiro: Imago, 1985.

_____.(1895) - Fragmento da análise de um caso de histeria. Obras Completas, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

_____.(1911-15) - Artigos sobre a técnica. Obras Completas, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

_____.(1916-17) - Conferências XXVII e XXVIII. Obras Completas, vol. XV. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

_____.(1937)- Análise Terminável e Interminável. Obras Completas, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

_____.(1937) – Construções em Análise. Obras Completas, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

Gay, P. 1989 – Uma vida para o nosso tempo Estudos sobre a Histeria. São Paulo: Cia. Das Letras.

Lacan, J. (1953-54). Seminário 1, Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. (1960-61). Seminário 8, A transferência. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

_____.(1964-65). Seminário 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

_____(1966). Escritos, A direção da cura e os princípios de seu poder. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Laberge, J. – O mesmo e o diferente: o Real no seminário de Lacan sobre a identificação. Recife, 1992, in mimeo.

_____. O Real no seminário 11 de Lacan.1964, in mimeo.

_____. O Real em Lacan no texto de 8 de julho de 1953: O Simbólico, o Imaginário e o Real. In mimeo.

_____. O Real em Lacan em 1953. In mimeo.

Rodrigues, Lena. Seminários sobre os Fundamentos da Clínica Psicanalítica de Freud a Lacan Transferência: a outra cena. In mimeo, 1993.

_____. Modos de intervenção do analista: o ato analítico. In mimeo,1993.

_____. Fim de análise. In mimeo, 1993.

_____. Freud e Dora na transferência: o que é um acting-out? 1994. In mimeo.

Kizer, C.; Matet, J.D; Miller, J.A. (org) -1992. Las Estratégias de la transferencia en psicoanalysis Volume preparatório do VII Encontro

Internacional do Campo Freudiano. Associação da Fundação do Campo Freudiano. Manantial: Caracas, 1992.